

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

CONSELHO EDITORIAL

M. F. DO NASCIMENTO BRITO

Presidente

WILSON FIGUEIREDO

Vice-Presidente

MARCELO PONTES

Editor

PAULO TOTTI

Editor Executivo

REDAÇÃO

MARCELO BERABA

Editor Executivo

ORIVALDO PERIN

Secretário de Redação

SÉRGIO RÉGO MONTEIRO

Diretor

EDGAR LISBOA

Diretor Agência JB

Sabatina Democrática

Ao se aproximar o fim do segundo ano de mandato, o presidente da República concedeu longas e detalhadas entrevistas a um jornal e a uma emissora de televisão. Repassou a formação de suas idéias sobre a História brasileira, sublinhando a coerência de um pensamento que se modificou apenas para dar conta de um mundo em rápida transformação.

Depois enfrentou sem constrangimento um bombardeio sobre neoliberalismo, viagens, reeleição, caipirice, globalização e Sérgio Mota. Respondeu à sabatina com inteligência, categoria e franqueza. Fernando Henrique é bom de exame oral. Nunca antes um governante brasileiro submeteu-se com tamanha naturalidade e segurança aos questionamentos da imprensa.

A entrevista à *Folha de S. Paulo* abordou o perde e ganha da mundialização, a nova esquerda que procura aperfeiçoar e democratizar a economia de mercado, ao invés de tentar destruí-la, a crítica da consciência ingênua das bases, o elogio das parcerias, a busca política da ampliação do bem-estar social sem o sonho inviável de um modo de produção alternativo.

Pelo figurino do entrevistado, não é o governo ético, mas a ética social, que rejeita hoje a idéia da injustiça. Por outro lado, a universalização da igualdade não depende só das boas intenções éticas, mas de uma complexa operação política no mundo dos homens concretos. A etiqueta neoliberal, que tentam pespegar em Fernando Henrique, não passa de pura condenação moral que acaba bloqueando a ação política.

Em nome dos que ainda não estão integrados à economia, certa oposição que se

considera de esquerda teima em menosprezar o fato político fundamental: que o atual governo não serve ao capitalismo monopolista, nem às classes médias burocráticas, nem ao corporativismo da *nomenklatura*.

Pelo credo catastrófico, parte da oposição repudia o otimismo de um presidente que trata as incertezas do pós-guerra fria como um novo Renascimento, acredita ser o mundo multipolar mais favorável aos interesses brasileiros, e não tem qualquer nostalgia dos *mâitres à penser* — grandes intelectuais que ditavam modelos para o espírito.

Na TV Cultura, a pauta foi mais política, eclética, provocativa. Fernando Henrique empunhou o florete por mais de duas horas: viajar é importante, sim, porque depois colhem-se frutos: do Japão, da Coreia do Sul, da Alemanha, da França. Os brasileiros somos caipiras, sim, esquecidos do vasto mundo e habitualmente mal-preparados para as tarefas incontornáveis que nos aguardam.

O presidente foi categórico ao defender a emenda da reeleição como recurso democrático, se aprovada pelo Congresso e submetida ao julgamento soberano do povo. O próprio Congresso, ponderou, é fundamental: podem-se contar nos dedos os parlamentos do mundo que conseguiram aprovar tantas mudanças substanciais em menos de dois anos de mandato.

Fernando Henrique não fugiu de nada. Viu-se que o repertório de provocações foi quase sempre inferior aos recursos da ironia presidencial, e que as tentativas, sempre em vão, de armar ciladas para o entrevistado só ressaltaram a agilidade de sua mente e a generosidade do seu coração.